

A ENTREVISTA DE MANEJO CARTOGRÁFICO: APREENSÃO DE UM TERRITÓRIO DE FRONTEIRA

LAÍS BECKER FERREIRA¹; LUANA PAVAN DETONI²; LORENA MAIA
RESENDE³; RUBENS BARBOSA LEAL⁴; PIERRE MOREIRA DOS SANTOS⁵;
EDUARDO ROCHA⁶

¹FAURB/UFPEL – *lais.bfer@gmail.com*

²PROGRAU/UFPEL– *luanadetoni@gmail.com*.

³PROGRAU/UFPEL – *lorenamilitao@gmail.com*

⁴Geoprocessamento/UFPEL– *lotuxx@gmail.com*

⁵CLC/UFPEL– *pierre.moreira@hotmail.com*

⁶PROGRAU/UFPEL– *amigodudu@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio apresenta o procedimento metodológico da entrevista de manejo cartográfico como ferramenta de auxílio ao pesquisador na compreensão de um território de fronteira na contemporaneidade. Tal estudo faz parte do projeto de pesquisa “TRAVESSIAS NA LINHA DE FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY: controvérsias e mediações no espaço público de cidades-gêmeas”, coordenado pelo Laboratório de Urbanismo (Laburb) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Faurb) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em que um dos objetivos é analisar e dar voz as diferentes ocupações do espaço público na linha de fronteira Brasil-Uruguay.

A fronteira não é susceptível a interpretação e muito menos representação. Para apreender a fronteira é preciso experienciá-la (SILVA, 2005). Logo, a fronteira nada mais é do que a diferença em si mesma, a fresta, o constante rompimento e construção. Lugar de ninguém e de todos ao mesmo tempo. Território complexo, heterogêneo, da multiplicidade e inconstância espaço-tempo. Mas, são nas cidades-gêmeas que se concentram a complexidade das relações fronteiriças. E, para um pesquisador-arquiteto-urbanista, nos interessa investigar como acontece acerca da vida urbana binacional, em um território compartilhado, onde uma simples avenida é a própria materialização da divisão política de dois países.

Nos interessa compreender as singularidades, a partir dos desafios e das particularidades que compõem o espaço-público das cidades-gêmeas. E, para isso, durante a viagem por estas cidades (Chuí-Chuy, Jaguarão-Rio Branco, Aceguá-Aceguá, Santana do Livramento-Rivera, Barra do Quaraí-Bella Unión e Quaraí-Artigas) além de percorre-las foi preciso parar para ouvi-las através das pessoas que habitam e transitam por estes lugares, no intuito de se aproximar das relações cotidianas.

A entrevista de manejo cartográfico, assume um aspecto qualitativo, se aproxima de uma conversa, em que há um roteiro de perguntas flexíveis e adaptáveis a cada situação. O processo da entrevista não se restringe a perguntas e respostas, extrapola também o campo da percepção, do ambiente inserido, e da apreensão de todas as forças coletivas envolvidas. “A entrevista visa não à fala sobre a experiência, e sim à experiência na fala” (TEDESCO, SADE, CALIMAN; 2014, p.100).

2. METODOLOGIA

A cartografia urbana propõe um método de pesquisa-intervenção que utiliza o plano da experiência e acontece por processos rizomáticos ((DELEUZE; GUATTARI, 1995). O que possibilita apreender a fronteira pela lógica das heterogeneidades presentes nesse território.

No segundo volume do livro *Pistas do método da cartografia*, Silvia Tedesco, Cristian Sade e Luciana Caliman se dedicam a esclarecer alguns apontamentos sobre o procedimento da entrevista, mas logo de início afirmam que “não existe entrevista cartográfica, **mas manejo cartográfico de entrevista**” (2014, p.93). O interesse da cartografia está em pesquisar a experiência, os processos e as dinâmicas dos encontros e atravessamentos. Sendo assim, a entrevista é um instrumento útil para capturar a essência dos acontecimentos. Desde a acolhida do entrevistado, até o compartilhamento de experiências de vida, conteúdo e expressões na fala.

Os autores se aproximam de três pistas principais que compõem o manejo cartográfico de entrevista. A primeira diz respeito a cartografia como um modo de acompanhar os processos, isto é, estar atento não apenas as questões e respostas, mas também a todo o desenvolvimento do diálogo, acompanhando os momentos de pausa, ênfase ou velocidade da fala. A segunda pista relaciona a entrevista como uma pesquisa-intervenção, que observa os gestos e expressões na comunicação que, por sua vez, intervém na dinâmica do método, podendo transformar, levar o diálogo para outro plano. A terceira, e última pista, correlaciona-se as forças coletivas que motivam a experiência, a relação entre pesquisador, entrevistado, questões e problemas estão envoltos de forças coletivas que interagem e proporcionam a experiência, alcançando o objetivo da captura dos acontecimentos. Ainda, é compartilhado alguns direcionamentos, que são indicações de pistas, que podem ser seguidas ou não, depende do caráter de cada entrevista e como se sucedem (TEDESCO, SADE, CALIMAN, 2014).

O manejo cartográfico não tem a intensão de representar a informação proveniente da fala das entrevistas, mas sim descrever a experiência compartilhada de entrevistador e entrevistado somado as forças coletivas atuantes. Existem dois tipos de experiência na entrevista, a “experiência vivida” – no qual o entrevistado expressa suas emoções contando suas histórias de vida – e a experiência “pré-refletida” ou “ontológica” – que postula o que já é conhecido, referente a processualidade e ao coletivo de forças representacionais. E, quanto a linguagem pode ser definida em conteúdo – realidade exterior ligada a experiência – e expressão – sintaxe e signos linguísticos utilizados (TEDESCO, SADE, CALIMAN, 2014, p. 105).

Diferentemente de algumas pesquisas, cujo foco está na análise linguística, que aprofunda as questões da sintaxe e signo das falas. Nesta pesquisa o método se atenta mais a forma, aos gestos, às emoções implicadas no ato da fala, que de algum modo se referem e se abrem para outras questões. Assim, a intenção da cartografia é de unir esses planos, tanto os dois tipos de experiência como conteúdo e expressão, estar atento no meio desses planos e capturar as forças coletiva.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação da entrevista das cidades-gêmeas se dividiu em duas frentes de abordagem, a primeira está relacionada ao acaso e acolhimento inesperado do entrevistado (morador ou turista) que, preferencialmente, se encontra no espaço

público na linha de fronteira, inserido no contexto das próprias inquietações do pesquisador (Figura 1). A segunda frente de abordagem envolve uma preparação prévia, um agendamento antecipado que escolhe alguns entrevistados mediante sua relação intelectual, profissional com as cidades, tanto gestores (prefeitos, vereadores, secretários) como técnicos (arquitetos, engenheiros) ou pesquisadores (professores, historiadores) que de certa forma são responsáveis e conhecem as transformações no espaço público binacional (Figura 2).



Figura 1 - Entrevista com comerciante na linha de Fronteira de Aceguá-Aceguá. Fonte: Acervo da pesquisa, 2018.



Figura 2 - Entrevista com o historiador Eduardo Palermo na cidade de Rivera - Uruguay. Fonte: Acervo da pesquisa, 2018.

Anterior a abordagem, o pesquisador estrutura um roteiro de perguntas “gatilho” que são construídas mediante a eixos temáticos, mas sem a obrigação de qualquer ordem ou precisão de que todas sejam respondidas. Diferente da entrevista convencional, ou mesmo questionário, a entrevista de manejo cartográfico não está fixa as perguntas, mas deseja observar o desenrolar do diálogo e permitir a fluidez em que outras perguntas podem saltar. Para isso as perguntas precisam ser mais abrangentes, indo na contramão de palavras de ordem ou que limitam muito o campo das respostas. Evitando perguntas muito diretas e simplistas, como “o que é?”, “concorda, ou não?”, e dar preferência as perguntas abertas a complexidade e aos desdobramentos possíveis, que vão em busca da experiência para formular como resposta, “como?”.

O primeiro eixo temático das perguntas se refere a fronteira Brasil-Uruguay: (a) como é estar na Fronteira? Como é conviver (morador) ou transitar (turista) nessa Fronteira? (b) como você se sente ao atravessar a fronteira? (c) em que circunstâncias você utiliza a outra cidade de fronteira? (d) qual a tua experiência com as aduanas e a presença militar? O segundo eixo se refere ao espaço/lugar público da fronteira: (e) como você avalia os espaços públicos (ruas, praças, ponte), em especial aqueles próximos à linha de fronteira? (f) como você se sente ao usar o espaço público, as ruas, praças e pontes, que são pertencentes aos dois países ao mesmo tempo? O terceiro eixo é direcionado as autoridades, técnicos e pesquisadores e se detém ao conhecimento político das questões de fronteira: (g) qual a responsabilidade dos órgãos públicos quanto ao espaço público comum na linha de fronteira? De quem é a responsabilidade? (h) quanto aos canteiros centrais e às ruas (fronteiras secas) ou a ponte (fronteiras molhadas), como funciona a manutenção e prestações de serviço público nesses locais? Vale ressaltar que todas estas perguntas também foram traduzidas para o espanhol para facilitar a compreensão das questões, visto que por ser uma cidade de fronteira encontramos o uso tanto das línguas oficiais o português e o espanhol, quanto doportunhol.

Na entrevista ao acaso o entrevistador precisa primeiro da permissão e disponibilidade do entrevistado, a abordagem inicia em uma apresentação da pesquisa, o objetivo a que se propõe e, quando consentido, inicia-se a conversa amparada por um gravador. No caso da entrevista programada, a primeira apresentação é mais breve, visto que anteriormente já estava esclarecido a intenção da entrevista. Quanto a duração há uma grande variação, mas normalmente o tempo da entrevista programada é mais longo, visto que há uma preparação e destinação do tempo dedicado para a entrevista. Ao passo que a entrevista no espaço público depende da pressa e compromissos do entrevistado. Além do roteiro de perguntas e o gravador, um outro instrumento é o termo de consentimento, uma carta em que o entrevistado assina pós-conversa confirmando que concedeu a entrevista de forma voluntária de acordo normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) referente ao Grupo III no item 6.5 Planejamento Urbano e Regional. Permitindo então que o pesquisador utilize os relatos da entrevista como fonte documental de pesquisa.

A última etapa, momento em que o trabalho de pesquisa se encontra, consiste na transcrição e análise de cada entrevista. Fase que exige muita dedicação e prudência do pesquisador para evitar falhas de interpretação, ou indução e antecipação de respostas. Quando se toma um distanciamento e retorna a ouvir a entrevista com mais calma, em outro momento é interessante observar outras correlações e minúcias que se apresentam como novas pistas.

4. CONCLUSÕES

Ouvir as vozes da fronteira, vozes que muitas vezes não são escutadas, mas que resistem e que compõem o lugar do entre, pode ser considerado um ato político, ético e estético na apreensão desse território. A inovação obtida está justamente na captura da experiência de quem vive a fronteira através da fronteira, desviando de uma perspectiva individual e temporária de um visitante estrangeiro. Experiência da ebulição, que despertou tanto desconforto, angústia, insegurança, como motivação, encanto, emoção, afectando e transformando o viajante-pesquisador.

A entrevista de manejo cartográfico demonstrou ser um potente elemento para a composição de mapas cartográficos. Na próxima etapa, almeja-se desvendar algumas pistas que possam contribuir para o entendimento da complexidade do lugar público na fronteira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

SILVA, Luís Sérgio Duarte da. **O Conceito de Fronteira em Deleuze e Sarduy**. Dossiê: Caribe(s) Textos de História, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Brasília: UnB, v. 13, n. 1/2, 2005.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Cristian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 92-127.